



UFSM

Monografia de Especialização

**AS FORMAS DE COMUNICAÇÃO E O PROCESSO
DE INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES
EDUCACIONAIS ESPECIAIS EM AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Lívia Fernanda Almeida Gulart

PPGCMH

Santa Maria, RS, Brasil

2004

**AS FORMAS DE COMUNICAÇÃO E O PROCESSO
DE INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES
EDUCACIONAIS ESPECIAIS EM AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

por

Lívia Fernanda Almeida Gulart

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano, sub-área Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Pesquisa e Ensino do Movimento Humano.**

PPGCMH

Santa Maria, RS, Brasil

2004

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Física e Desportos
Curso de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Monografia de
Especialização

**AS FORMAS DE COMUNICAÇÃO E O PROCESSO DE
INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES
EDUCACIONAIS ESPECIAIS EM AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

elaborada por

Lívia Fernanda Almeida Gulart

como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Pesquisa e Ensino do Movimento Humano

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof^ª. Dr^ª. Luciana Erina Palma
(Presidente/Orientador)

Prof^ª. Ms. Andréa Tonini

Prof^ª. Dr^ª. Marli Hatje

Prof^ª. Ms. Angelita Alice Jaeger

Santa Maria, 09 de dezembro de 2004

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pelo dom da vida, por sempre me guiar e proteger.

AGRADEÇO!

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano, do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria/RS, pela oportunidade de aperfeiçoamento.

Aos meus pais, pelo amor, dedicação e confiança.

À minha família: irmãs, avós, tios e primos, pelo carinho demonstrado em todos os momentos.

À minha segunda família: minha sogra, cunhados e sobrinhos, pelo carinho, amizade e confiança.

Ao meu marido, Pedro, sempre companheiro e amigo, que soube compreender as minhas ausências. Se não fosse pela sua insistência eu não estaria escrevendo essas palavras. Obrigada Amorção!!!

Aos colegas do curso de Especialização, pelas novas amizades, e, principalmente, pelas discussões em sala de aula, que foram importantes para o meu crescimento pessoal e profissional.

Aos colegas e amigos: Diego, Ivana, Scheila e Vinícios do LAPEM/CEFD/UFSM - Área: Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física, pela amizade, incentivo e confiança.

Aos membros da Banca de Defesa Final da Monografia, por aceitarem avaliar este trabalho.

À minha orientadora e amiga Prof.^a Dr.^a Luciana Erina Palma, pela orientação, amizade, confiança e, principalmente, pela paciência. Minha admiração e muito obrigada!!!

À Prof.^a Dr.^a Marli Hatje, pela confiança, amizade e incentivo.

Ao Prof. Dr. Roque Luiz Moro (*In memorian*), pela confiança, respeito e amizade.

À Prof.^a Ms. Andréa Tonini, pela amizade, incentivo e auxílio do material bibliográfico.

À Prof.^a Helena, professora de Educação Física da escola onde foi realizado o estudo, por permitir as filmagens e observações, durante o desenvolvimento de suas aulas.

Agradeço, de coração, a todas as pessoas que, de uma maneira ou de outra, contribuíram para a realização e finalização deste estudo.

Muito, muito obrigada!!!

SUMÁRIO

LISTA DE ANEXOS	vii
RESUMO	viii
ABSTRACT	x
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 Justificativa e problematização	1
1.2 Objetivos	4
1.2.1 Objetivo geral	4
1.2.2 Objetivos específicos	4
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	6
2.1 Comunicação humana	6
2.2 A relação entre a Educação Física e a comunicação humana	11
2.3 Educação Física escolar e a inclusão	13
2.4 Alunos com necessidades educacionais especiais	21
2.4.1 Quem são esses alunos?	21
2.4.2 Deficiência mental	23
2.4.3 Paralisia cerebral	26
3 METODOLOGIA	28
3.1 Caracterização da pesquisa	28
3.2 População e amostra	29
3.2.1 População	29
3.2.2 Seleção e amostra	29
3.2.3 Amostra	31
3.3 Estudo piloto	32
3.4 Procedimentos metodológicos	34
3.5 Instrumentos de coleta de dados	38
3.6 Sistematização dos dados	38
4 ANÁLISE DOS DADOS	40
4.1 Análise das formas de comunicação estabelecidas nas aulas de Educação Física entre ANEE, professora e colegas	40
4.1.1 Turma 21 - 2ª Série	40

4.1.2 Turma 41 - 4ª Série	42
4.2 A comunicação e a contribuição para o processo de inclusão: análise dos critérios estabelecidos para o estudo	47
4.3 Semelhanças e diferenças entre as turmas nas aulas em relação à comunicação e o processo de inclusão	53
4.3.1 Semelhanças	53
4.3.2 Diferenças	55
5 SUGESTÕES DE TRABALHO EM EDUCAÇÃO FÍSICA PARA ALUNOS COM NEEs INCLUÍDOS	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66
ANEXOS	69

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A -	Ficha de análise das aulas	70
ANEXO B -	Ficha de critérios de análise do processo de inclusão nas aulas de Educação Física	72

RESUMO

Monografia de Especialização
Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

AS FORMAS DE COMUNICAÇÃO E O PROCESSO DE INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

AUTORA: LÍVIA FERNANDA ALMEIDA GULART
ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. LUCIANA ERINA PALMA
Santa Maria, 09 de dezembro de 2004

Este estudo teve como objetivo analisar as formas de comunicação de alunos com necessidades educacionais especiais (NEEs), colegas e professor em aulas de Educação Física, e a contribuição destas formas de comunicação para o processo de inclusão em aulas de Educação Física de uma Escola Estadual de Ensino Básico do município de Santa Maria/RS. A amostra foi composta por 01 turma com 26 alunos de 2ª série de Ensino Fundamental, sendo que fazia parte dessa turma uma (01) aluna com necessidades educacionais especiais (paralisia cerebral) e 25 colegas. Também fez parte da amostra 01 turma com 27 alunos da 4ª série do Ensino Fundamental, com um (01) aluno portador de necessidades educacionais especiais (deficiência mental) e 26 colegas; e a professora de Educação Física que ministrava aula para as turmas. Utilizou-se a seguinte metodologia: 1º) Foram filmadas 05 aulas de cada turma, visando verificar as formas de comunicação estabelecidas entre professor de Educação Física, alunos com NEEs, colegas em aulas de Educação Física e o Processo de Inclusão. Após, foram transcritos os dados para uma Ficha de Análise das Aulas para as Formas de Comunicação e para uma Ficha de Critérios de Análise do Processo de Inclusão. Observou-se que: a) A aluna com NEEs (paralisia cerebral) da 2ª série, participou poucas vezes das atividades desenvolvidas nas aulas de Educação Física, portanto interagiu menos com seus colegas e professora e, com isso, poucas foram as oportunidades de trocas, de interação, poucas foram as formas de comunicação surgidas e trocadas, comprometendo assim o Processo de Inclusão. b) Já o aluno com NEEs, da 4ª série, participou de todas as atividades desenvolvidas nas aulas de Educação Física, interagiu de forma satisfatória com os colegas e professora; houve trocas entre colegas, professora e aluno com NEEs, interação e, conseqüentemente, o surgimento das formas de comunicação, fortalecendo e auxiliando o Processo de Inclusão do aluno com NEEs. Pode-se inferir que a comunicação é extremamente importante e necessária para o

processo de inclusão porque, só por meio dela, o professor e alunos conseguem interagir de diversas formas, fazer trocas, relacionar-se e, acima de tudo, conseguem mudar todo o processo de desenvolvimento das aulas, como também o processo de inclusão. Também, pode-se dizer que a comunicação, sendo necessária e importante para o processo de inclusão, também contribui para que este processo ocorra nas aulas, através de um bom planejamento das atividades por parte do professor, que necessita estar bem preparado; da elaboração de estratégias que consigam alcançar os objetivos propostos para a aula; a criação de adaptações necessárias à participação dos alunos com NEEs, propiciando assim a interação de alunos e professor, através de trocas de experiências, que se dão através e unicamente pela comunicação. Sendo assim, é necessário que o professor, durante o desenvolvimento de suas aulas, utilize várias formas de comunicação, para que os alunos com NEEs consigam entendê-lo, realizando de forma prazerosa o que está sendo solicitado, auxiliando, assim, em sua efetiva participação nas aulas, bem como no bom relacionamento com colegas e professor.

ABSTRACT

Monografia de Especialização
Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

AS FORMAS DE COMUNICAÇÃO E O PROCESSO DE INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

(THE COMMUNICATION FORMS AND THE INCLUSION OF STUDENTS WITH
SPECIAL EDUCATIONAL NECESSITIES IN THE PHYSICAL EDUCATION
CLASSES)

AUTORA: LÍVIA FERNANDA ALMEIDA GULART
ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. LUCIANA ERINA PALMA
Santa Maria, 09 de dezembro de 2004

The objective of this study was to analyze the communication forms of students with special educational necessities, classmates and teacher in the Physical Education classes and the contribution of these communication forms for the inclusion process. The study was done in an elementary school in Santa Maria – RS. The sample was one group with twenty six students in the second grade. In this group there was one student with special educational necessities (brain paralysis) and 25 classmates. The sample also had one group with twenty seven students of the fourth grade. There was one student with special educational necessities (mental disability) too and twenty six classmates, one Physical Education teacher who taught both groups. It used the following methodology: 1st) It was shot five classes of each group, to verify the established communication forms among the teacher, the students with special educational necessities and the classmates in the Physical Education classes and the Inclusion Process. The data were copied in a Classes Analysis Card for the communication forms and for a Criteria Card of the Inclusion Process. It was noted that: a) The student with special educational necessities (brain paralysis) of the second grade rarely took part in the developed activities in the Physical Education classes, thus she interacted less with her classmates and teacher. So, the opportunities of exchange, interaction were very few because there were not many communication forms, endangering the Inclusion Process; b) The student with special educational necessities of the fourth grade took part in all activities developed in the Physical Education classes, interacted successfully with his classmates and teacher; there were exchanges among classmates, teacher and the student with special educational necessities, interaction and, consequently, the communication forms appeared, confirming the Inclusion Process of the student with special educational

necessities. It follows that communication is very important and necessary for the Inclusion Process, because only through it the teacher and the students may interact of different ways, do exchanges. It can change all the development of classes process as well as the inclusion process. The communication also contributes in order to the inclusion process occurs in the classes, through a good planning of the activities done by the teacher she needs to be prepared; strategies which can achieve the proposed objectives of the class; create adaptations for the students with special educational necessities for having interaction between the students and the teacher through experiences exchange, which can occur only and through communication. It is necessary the teacher uses several communication forms for the students with special educational necessities understand her, doing with pleasure what is asked, helping in their efficient participation in classes, as well as in a good relationship with classmates and teacher.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Justificativa e problematização

A inquietação e necessidade em desenvolver pesquisa na área de Educação Física e Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (NEEs) surgiu a partir das vivências em projetos de extensão do Centro de Educação Física e Desportos e do Centro de Educação (NEPES) da Universidade Federal de Santa Maria, que atendiam alunos com Necessidades Educacionais Especiais (deficiência física, mental, sensorial e múltiplas).

Durante as atividades desenvolvidas nos projetos, pôde-se perceber a dificuldade de professores e acadêmicos, em transmitir a atividade para os alunos com NEE, pois havia várias deficiências, sendo necessário utilizar várias formas de comunicação para conseguir o entendimento por parte dos alunos, como também compreendê-los.

Portanto, percebeu-se a importância da comunicação nas aulas de Educação Física, principalmente quando se está trabalhando com alunos com NEEs que exigem diferentes formas de comunicação para que possam entender o que está sendo solicitado e desenvolvam corretamente as atividades.

Surgiu a curiosidade e o interesse em aprofundar os conhecimentos com relação a essas quatro áreas, quais sejam: a Educação Física Inclusiva, a Comunicação Humana, as Pessoas com

Necessidades Educacionais Especiais e o Processo de Inclusão Escolar.

Percebe-se, então, que a Educação Física que antes priorizava em suas aulas apenas o treinamento físico de atletas, o culto ao corpo, ao físico, preocupa-se hoje, também, com os aspectos afetivos, cognitivos, psicomotores e sociais dos seus alunos, sendo eles com NEE ou não. Começa a partir daí, a surgir a Educação Física inclusiva para alunos com NEE.

Acredita-se que a Educação Física tem um papel muito importante na comunicação humana, pois auxilia a construção de “vocabulários motores”, ou seja, é através da prática da atividade física que os alunos, com necessidades educacionais especiais ou não, adquirem várias formas de comunicação através do corpo, através de expressões corporais, facilitando, assim, a comunicação entre professor e aluno durante o desenvolvimento das aulas. Assim, quanto mais experiências corporais o aluno vivenciar, mais elementos comunicativos ele terá à sua disposição para auxiliá-lo na comunicação e em sua interação com colegas e professores.

Segundo Moran (1998, p. 09), a comunicação:

(...) é um campo de trocas, de interações, que permite perceber-nos, expressar-nos e relacionar-nos com os outros, ensinar e aprender. Comunicar é entrar em sintonia, aproximar, trocar, intercambiar, dialogar, expressar, influenciar, persuadir, convencer, solidarizar, tornar transparente, comungar.

(...) Na comunicação há trocas em que aprendemos, nos ajudamos, sem necessariamente termos de chegar ao mesmo objetivo.

Entende-se que a comunicação humana está presente em todos os movimentos humanos, em todos os atos, sejam eles conscientes ou inconscientes. Pois tudo que se fala ou se expressa, através do corpo, de gestos, fala e escrita é comunicação.

Percebe-se a importância e relevância da comunicação na vida do ser humano, pois ela influencia todos os aspectos do ser humano, além de auxiliar em sua interação social com as demais pessoas da sociedade.

Este estudo justifica-se pelo interesse e a necessidade de buscar elementos que possam auxiliar na ampliação do conhecimento e de diferentes aspectos relacionados com Alunos com Necessidades Educacionais Especiais e a sua Comunicação, além de mostrar dados importantes com relação à Educação Física Inclusiva e a Comunicação enquanto áreas inter-relacionadas.

Assim, considerando o número de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais, matriculados em classe regular de ensino nas Escolas Estaduais de Santa Maria/RS, justifica-se também este estudo pela possibilidade de viabilizá-lo nessa cidade, contribuindo com o processo de inclusão escolar.

Portanto, parece relevante adquirir maiores conhecimentos sobre as formas de comunicação de alunos com necessidades educacionais especiais e o processo de inclusão, visto que são “peças” importantes e em discussão na atualidade, em relação à educação, à formação e à participação de todos (professores, alunos, pais), no processo de inserção social, e isso se dá pela e através da

Comunicação. Dessa forma, acredita-se que este estudo também contribuirá para novas pesquisas e trabalhos na área.

Por tudo isso, apresentou-se o seguinte problema:

- Quais são as formas de comunicação utilizadas por alunos com necessidades educacionais especiais, professor de Educação Física e colegas em aulas de Educação Física e a contribuição das mesmas para o processo de inclusão escolar?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Analisar as formas de comunicação de alunos com necessidades educacionais especiais, professor e colegas em aulas de Educação Física e a contribuição dessas formas de comunicação para o processo de inclusão escolar.

1.2.2 Objetivos específicos

- Verificar as formas de comunicação verbal e não-verbal, utilizadas pelos alunos com necessidades educacionais especiais em aulas de Educação Física.

- Verificar como foi estabelecida a comunicação nas aulas de Educação Física entre aluno com necessidades educacionais especiais e colegas, aluno com necessidades educacionais especiais e professor de Educação Física.

- Verificar se o professor de Educação Física e colegas de turma, através de suas formas de comunicação, proporcionaram a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais nas aulas de Educação Física.

- Verificar a contribuição das aulas de Educação Física para o processo de inclusão, considerando as formas de comunicação de alunos com necessidades educacionais especiais, do professor de Educação Física e dos demais alunos.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Comunicação humana

A comunicação humana teve sua origem, a partir da necessidade do homem em se comunicar desde os mais primitivos povos.

Conforme Penteado (1982), toda a história do homem sobre a terra só tornou-se possível a partir da comunicação, pois, através dela, os homens conseguem trocar idéias e experiências entre os povos, ocasionando progresso nas sociedades humanas.

A própria sociedade moderna nasceu como resultado do aperfeiçoamento progressivo dos processos de comunicação entre os homens; onde a partir de um grunhido até uma simples palavra, tudo era tido como um ato de comunicar (PENTEADO, 1982).

Cada ato, cada gesto, cada olhar, cada som realizado ou percebido, é comunicação.

De acordo com Penteado (1982, p. 12): “linguagem é comunicação; personalidade é comunicação. Cada palavra, cada gesto é ação comunicativa, assim como é comunicação cada página de livro, cada folha de jornal, cada som de receptor de rádio, cada imagem de televisão”.

Todo e qualquer movimento, seja consciente ou inconsciente é um ato de comunicação.

Percebe-se assim, a importância da comunicação no mundo moderno, sendo maior do que no passado, onde segundo Penteadado (1982, p. 13):

A aula do professor, a circular comercial, a carta de amor, o discurso parlamentar, o chamado telefônico, o comício político, a reunião social, o telegrama expedido, o jato de luz dos faróis, o anúncio da propaganda, a mensagem da criança ao Papai Noel, o relatório científico, o disco do fonógrafo, os punhos brancos dos guardas de trânsito, as bandeiras dos exércitos, o estrondo dos aviões a jato, a ordem de serviço e o livro de orações, tudo, tudo, absolutamente tudo é comunicação.

Destaca-se, assim, a importância e relevância da comunicação na vida do ser humano, pois o homem só sobreviveu e sobrevive até hoje devido à comunicação.

Segundo Penteadado (1982, p. 1):

A palavra “comunicar” vem do latim “comunicare” com a significação de “por em comum”. Comunicação é convivência; está na raiz da comunidade, agrupamento caracterizado por forte coesão; baseada no consenso espontâneo dos indivíduos.

(...) A comunicação humana, portanto, através da compreensão, põe idéias “em comum”. Seu grande objetivo é o entendimento entre os homens. Para que exista entendimento é necessário que se compreendam mutuamente indivíduos que se comunicam.

Compreendendo-se a relevância e necessidade da comunicação para o ser humano, concorda-se com a definição estabelecida por Moran (1998, p. 09):

A comunicação é um campo de trocas, de interações, que permite perceber-nos, expressar-nos e relacionar-nos com os outros, ensinar e aprender. Comunicar é entrar em sintonia, aproximar, trocar, intercambiar, dialogar, expressar, influenciar, persuadir, convencer, solidarizar, tornar transparente, comungar.

(...) Na comunicação há trocas em que aprendemos, nos ajudamos, sem necessariamente termos de chegar ao mesmo objetivo.

Entende-se que a comunicação busca a interação das pessoas envolvidas no processo de comunicar, isto é, a comunicação serve para que as pessoas e a sociedade, por meio das inter-relações, expressem seus sentimentos, seus desejos, suas emoções, enfim, comuniquem algo a alguém, utilizando-se das mais variadas formas de se expressar (comunicar), seja de forma verbal ou de forma não verbal; o importante é que ocorra o ato de comunicar.

Segundo Rector; Trinta (1990), a comunicação ocorre pela transmissão de mensagens, sendo que uma mensagem é uma unidade do processo de comunicação, e várias mensagens intercambiadas dão origem à interação, sendo necessárias, no mínimo, duas pessoas para que ela ocorra.

Para entender-se melhor como ocorre o processo de comunicação, cabe salientar segundo Rector; Trinta (1990), que em todo o ato de comunicação estão envolvidos um emissor, um código,

um canal, uma mensagem, um contexto e um receptor, nos quais as mensagens compõem-se de signos que possuem significados e veiculam informações.

Nesse sentido, os mesmos autores relatam que a palavra (falada ou escrita) é um signo verbal; uma placa de trânsito é um signo visual, entre outros; cada signo representa um objeto (idéia ou coisa) para alguém, favorecendo o surgimento de novos signos, e assim infinitamente.

De acordo com as idéias dos autores citados anteriormente, a palavra, ao representar uma idéia, é considerada um signo, que poderá ser lingüístico ou verbal; mas ao mostrar, indicar ou simbolizar uma emoção, uma intenção ou uma atitude, o gesto é considerado também um signo, mas não-verbal.

A comunicação humana é composta de duas formas: a comunicação verbal (fala e escrita) e a comunicação não-verbal (gestos).

A comunicação verbal é a forma discursiva, falada ou escrita, na qual mensagens, idéias ou estados emocionais são expressos. A comunicação humana não-verbal é a forma não discursiva, efetuada através de vários canais de comunicação (Langer apud Mesquita, 1997, p. 158-159).

Argyle (apud Mesquita, 1997), estudioso e pesquisador dos comportamentos não-verbais, ao abordar o sistema não-verbal, distingue os seguintes canais: expressão facial, olhar, gestos e movimentos posturais; contato corporal; comportamento espacial; roupas, aspecto físico e outros aspectos de aparência.

Como já foi dito anteriormente, há muitas formas de comunicar-se, pois se vivencia formas diferentes de comunicação, que expressam inúmeras situações pessoais, interpessoais, grupais e sociais de conhecer, sentir e viver, que são dinâmicas, que evoluem, modificando-se e modificando os outros (Moran, 1998).

Percebe-se, assim, que para comunicar-se somente com o corpo, tem-se uma gama de instrumentos que poderão auxiliar para que a comunicação seja efetivada.

Nesse estudo, são consideradas as duas formas: a comunicação verbal e a comunicação não-verbal.

A partir das considerações feitas e pela evidência das diferentes formas de comunicação, concorda-se com Rector; Trinta (1990, p. 21) que dizem: “O homem é um ser em movimento e, ao mover-se, põe em funcionamento formas de expressões completas e complexas, que são, de resto, socialmente partilhadas”.

Também estes mesmos autores afirmam:

Todos os gestos e movimentos mostram que a dinâmica do corpo é tão expressiva ou até mais que a palavra. Como já dissemos, o corpo fala; usando-o e observando o uso que os outros fazem dele, todo homem pode entender seu próximo e comunicar-se com ele (p. 83).

Portanto, entende-se a importância do homem comunicar-se não só pela fala (ou escrita), mas utilizar todo o seu corpo como forma de comunicação e expressão, auxiliando em sua interação com as demais pessoas.

Concorda-se com as palavras de Bordenave (1986, p. 36) que diz que a comunicação:

serve para que as pessoas se relacionem entre si, transformando-se mutuamente e a realidade que as rodeia. Sem a comunicação cada pessoa seria um mundo fechado em si mesmo. Pela comunicação as pessoas compartilham experiências, idéias e sentimentos.

Portanto, é através da comunicação que o homem consegue relacionar-se, interagir com outras pessoas, compartilhando e modificando a realidade onde estão inseridos.

2.2 A relação entre a Educação Física e a comunicação humana

A comunicação e a educação estão muito ligadas e inter-relacionadas no processo de desenvolvimento do ser humano.

Segundo Moran (1998, p. 155):

Todos nós educamos o tempo todo. Educamos por meio das múltiplas formas de comunicação, das inúmeras interações com as pessoas com quem convivemos e com as instituições de que participamos.
(...) Estamos sempre ensinando e aprendendo através de múltiplas formas de comunicação.

Sendo a Educação Física uma área da educação, que busca o desenvolvimento do ser humano em todos os seus aspectos, sejam eles psicomotor, afetivo, cognitivo, social e comunicativo.

A partir dessas considerações, percebe-se que ao educar através do corpo, das diferentes formas de expressões corporais, das linguagens corporais, está-se ao mesmo tempo comunicando, está-se expressando algo.

Educar, segundo Moran (1998), é ajudar a desenvolver todas as formas de comunicação, todas as linguagens, é aprender a dizer-se, a expressar-se claramente e a captar-se a comunicação do outro e a interagir com ele.

Esse mesmo autor diz: “É aprender a comunicar-nos verdadeiramente: a tornar mais transparentes, expressar-nos com todo o corpo, com a mente, com todas as linguagens, verbais e não-verbais, com todas as tecnologias disponíveis” (p. 156).

Percebe-se assim, que ao desenvolver-se as aulas de Educação Física com os alunos, sendo alunos com NEEs ou sem NEEs, está-se comunicando, interagindo através das diversas formas de comunicação. E, portanto, necessita-se utilizar formas de comunicação que auxiliem no desenvolvimento das aulas, que façam com que os alunos, principalmente os que possuem algum tipo de NEEs, compreendam e consigam realizar com prazer e com sucesso o que foi solicitado.

Assim sendo, é relevante e importante a comunicação nas aulas de Educação Física, principalmente quando se está trabalhando com alunos portadores de deficiência, incluídos em classe regular; pois assim tem-se como elemento fundamental e facilitador das aulas, a comunicação humana.

Somente se terá sucesso nas aulas, se houver uma comunicação efetiva com os alunos com NEEs e com seus colegas, em que a comunicação torna-se o elemento primordial frente à inclusão desses alunos.

Conforme Moran (1998, p. 10):

A comunicação caminha na direção da inclusão, da integração. Da inclusão de pessoas diferentes, de formas distintas de ver. Caminha na aproximação de mais pessoas, de mais grupos, no estabelecimento de vínculos, de pontes para aproximar-nos das pessoas; sem isolar-nos em grupinhos, “panelinhas” ou seitas.

De acordo com esse mesmo autor, a comunicação caminha com o objetivo de fazer com que as pessoas interajam mais, convivam com as diferenças, deixando de lado o preconceito da sociedade.

Abordar-se-á a seguir a Educação Física Escolar e a Inclusão.

2.3 Educação Física Escolar e a inclusão

Entende-se, assim como Duarte; Werner (1995, p. 8), que a Educação Física:

(...) não deve ser entendida como uma prática que vise apenas ao desenvolvimento das chamadas condutas motoras (coordenação, equilíbrio, lateralidade, percepção visual, auditiva, etc.), direcionadas para a perfeição dos gestos ou comparados a um modelo ideal de movimento. Devemos compreendê-la como uma prática que possibilite

desenvolver o conhecimento do próprio corpo e sua relação com o mundo, a autonomia, a auto-estima, a criatividade, a descoberta e o prazer pelo movimento, permitindo, assim, que todas as pessoas, inclusive as pessoas portadoras de deficiência, vivenciem a corporeidade a partir de suas potencialidades, possibilidades e limitações.

Sendo assim, percebe-se a importância e relevância da Educação Física enquanto área do conhecimento, a qual contribui com uma grande parcela, no que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo, afetivo, lingüístico e social do ser humano, principalmente de crianças.

É importante ressaltar aqui, alguns objetivos sobre a Educação Física, elaborados pela *Federation Internationale D'Education Physique* (FIEP), em seu “Manifesto Mundial da Educação Física - FIEP 2000”, que diz:

Art. 2 - A Educação Física, como direito de todas as pessoas, é um processo de Educação, seja por vias formais ou não-formais. Que ao interagir com as influências culturais e naturais (água, ar, sol, etc) de cada região e instalações e equipamentos artificiais adequados; que ao Utilizar atividades físicas na forma de exercícios ginásticos, jogos, esportes, danças, atividades de aventura, relaxamento e outras opções de lazer ativo, com propósitos educativos; que ao Objetivar aprendizagens e desenvolvimento de habilidades motoras de crianças, jovens, adultos e idosos, aumentando as suas condições pessoais para a aquisição de conhecimentos e atitudes favoráveis para a consolidação de hábitos sistemáticos de prática física; que ao Promover uma educação efetiva para a saúde e ocupação saudável do tempo livre de lazer; que ao Reconhecer que prática corporais relacionadas ao desenvolvimento de valores, podem levar à participação de caminhos sociais responsáveis e busca da cidadania; CONSTITUI-SE num meio efetivo para a conquista de um estilo de vida ativo dos seres humanos.

Art. 3 - As atividades físicas, com fins educativos, nas suas possíveis formas de expressão, reconhecidas em todos os tempos como os meios específicos da Educação Física, constituem-se em caminhos privilegiados de Educação(p. 11 e 12).

Por todas essas considerações, vê-se a importância da Educação Física no desenvolvimento do ser humano, principalmente quando se está tratando de alunos com necessidades educacionais especiais no contexto escolar.

A Educação Física que antes se preocupava com o físico, com a aptidão física e desempenho de seus alunos, desprezando os aspectos cognitivo, social e afetivo, hoje precisa preocupar-se com a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais (no caso aqui tratado, alunos com deficiência), para que esses possam desenvolver-se a partir de suas vivências corporais, sócio-afetivas e cognitivas, interagindo com seus colegas sem deficiência, a partir da prática pedagógica da Educação Física inclusiva.

De acordo com a nova fase da Educação Física frente à inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, é necessário que os professores pensem e reflitam sobre a sua prática pedagógica, bem como, ajustem os conteúdos e as estratégias de ensino para que essas atinjam todos os alunos da classe.

Portanto, segundo Oliveira (2002, p. 8): “O papel da educação física dentro de uma Educação Inclusiva nos faz refletir que é possível, mas é preciso querer e estar disposto a modificar a concepção de sociedade e a nossa própria forma de ver o mundo.”

A mesma autora diz que, o papel da educação física, hoje, é auxiliar os alunos com necessidades educacionais especiais a se desenvolverem, dando-lhes oportunidade de lazer, prazer e, principalmente, de bem estar físico e social.

Percebe-se assim, que a Educação Física tem possibilidades e elementos que possam auxiliar os alunos com necessidades educacionais especiais em sua inclusão em classe regular de ensino; e cabe à Educação Física proporcionar oportunidades desses alunos participarem das aulas, pois é importante para seu desenvolvimento social, físico, motor e, principalmente, afetivo.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394/96) veio subsidiar uma ação educativa, com o intuito de formar cidadãos, mostrando que a educação especial é parte integrante da educação geral, adotando o princípio da inclusão. Essa nova concepção defende que o ensino seja ministrado a todas as crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais, preferencialmente, no sistema comum regular de educação, sendo que nele se encontra a Educação Física.

Antes disso surgiu a Declaração de Salamanca (1994), que representou um “ponto de partida” para as ações de uma proposta de Educação Inclusiva.

De acordo com essa Declaração, citada por Ribeiro; Baumel (2003, p. 46):

O princípio fundamental desta Linha de Ação é de que as escolas devem acolher todas as crianças,

independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, lingüísticas ou outras.

(...) As escolas têm que encontrar a maneira de educar com êxito todas as crianças, inclusive as com deficiências graves. O mérito dessas escolas não está só na capacidade de dispensar educação de qualidade a todas as crianças; com sua criação dá-se um passo muito importante para tentar mudar atitudes de discriminação, criar comunidades que acolham a todos e sociedades integradoras.

Pode-se perceber que aos poucos, o sistema brasileiro de ensino, está tentando realmente colocar em prática tantas leis e declarações, feitas em favor das pessoas com necessidades educacionais especiais. Porém, é preciso continuar lutando e fiscalizando cada escola, cada comunidade escolar, a fim de efetivar de fato todos os direitos adquiridos por lei para as pessoas com necessidades educacionais, tentando assim diminuir essa distância que existe na sociedade, entre as pessoas que se dizem normais e as pessoas com NEEs.

Sasaki (1999, p. 03) conceitua a inclusão social como:

(...) o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos.

Concorda-se com Sasaki (1999) quando diz que a sociedade deve estar preparada para incluir as pessoas com necessidades especiais, como também todos os segmentos da sociedade devem

preparar-se para receber estas pessoas, principalmente o segmento educacional.

Entende-se segundo Oliveira (2002, p. 03) que:

A inclusão é consequência de uma escola de qualidade, isto é uma escola capaz de perceber cada aluno como um enigma a ser desvendado. O que percebe é que a criança com deficiência na escola inclusiva, hoje denuncia a falência do sistema escolar, e a má gestão escolar. O que se verifica é que os professores não sabem o que fazer, o que denuncia uma formação continuada inadequada ou inexistente do professor, outro ponto de dificuldade é a falta de relacionamento da escola com a família, a escola ainda encontra-se muitas vezes fechada à comunidade para discussão da perspectiva inclusiva.

Voltando-se à área da Educação Física e ao aluno com necessidades educacionais especiais, tem-se os seguintes propósitos, conforme os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais/Educação Física), os quais relatam que a participação de alunos com necessidades especiais em aulas de Educação Física pode trazer muitos benefícios a essas crianças, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento das capacidades afetivas, de integração e inserção social.

Considerando o exposto acerca dos alunos com necessidades educacionais especiais e a inclusão escolar, fica evidente que a inclusão desses alunos ainda está “engatinhando” em seu processo de construção.

Portanto, entende-se que as escolas inclusivas deveriam atender a todos, pois de acordo com a Declaração de Salamanca, citada por Oliveira (2002, p. 3):

O princípio fundamental das escolas inclusivas consiste em que todos os alunos devam aprender juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem. As escolas inclusivas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos, através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as respectivas comunidades. É preciso, portanto, um conjunto de apoios de serviços para satisfazer o conjunto de necessidades especiais dentro da escola.

Concorda-se com a autora, pois o sistema escolar, ou seja, a comunidade escolar deve estar preparada e capacitada para receber os alunos com NEEs, tanto a estrutura física das escolas quanto a parte pedagógica, o que facilitará todo o processo de inclusão desse aluno no contexto escolar.

Ainda em relação à inclusão e à Educação Física para PNEEs, Pedrinelli (apud PALMA, 2004, p. 81) afirma:

Caracterizar a educação física adaptada e ampliar o universo das pessoas participantes de programas regulares de atividade física, incentivar o desenvolvimento profissional nas mais diversas formas de atuação, promover o desenvolvimento acadêmico através da produção de conhecimentos nas diversas ciências, constitui um dos maiores desafios no atual contexto brasileiro.

Portanto, segundo Palma (2004, p. 82):

É necessário que a Educação Física crie e propicie formas de aprendizado, oportunizando o desenvolvimento de todos, através das práticas de seus conteúdos (dança, esporte, jogos, ginástica), transformando e colaborando para um ensino de qualidade, onde todos possam estar inseridos, integrados e incluídos.

A seguir, será feito um breve relato acerca dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais e quem são esses alunos.

2.4 Alunos com Necessidades Educacionais Especiais

2.4.1 Quem são esses alunos?

São pessoas que, por apresentar necessidades especiais próprias e diferentes dos demais alunos no âmbito das aprendizagens curriculares correspondentes à sua idade, requerem recursos pedagógicos e metodológicos específicos, isto é, diferenciado.

São muitos os termos utilizados para designar as pessoas que apresentam algum tipo de deficiência, cada terminologia criada para conceituar essas pessoas, vai se transformando a partir das mudanças que ocorrem na sociedade, surgindo assim outros termos mais apropriados ou que se julga adequados para o momento.

Várias expressões são usadas, atualmente, tais como: deficientes, portadores de deficiência, pessoas com necessidades

especiais, pessoas portadoras de necessidades especiais entre outros. As pessoas utilizam esses termos como sendo melhor que as expressões pessoas portadoras de deficiência, pessoas com deficiência e portadores de deficiência, pois assim, seria evitado o uso da palavra “deficiência”, supostamente desagradável ou pejorativa.

Segundo Sasaki (1999, p. 15), a respeito destes termos:

(...) “necessidades especiais” não deve ser tomado como sinônimo de “deficiência” (mentais, auditiva, visuais, físicas ou múltiplas).

Acresça-se que é aceitável que se diga ou escreva “pessoas deficientes”. O que não se aceita mais é o uso dos vocabulários “deficiente” e “deficientes” como um substantivo.

Conforme o Parecer do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica (CNE/CEB), n. 17, de 03 de julho de 2001, com base nos novos paradigmas, educandos que apresentam necessidades educacionais especiais são aqueles que, durante o processo educacional, demonstram:

dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento, que dificultem o acompanhamento das atividades curriculares, compreendidas em dois grupos:

- a) aquelas não vinculadas a uma causa orgânica específica;
- b) aquelas relacionadas a condições, disfunções, limitações ou deficiências;

dificuldades de comunicação e sinalização, diferenciadas dos demais alunos, demandando adaptações de acesso ao currículo, com utilização de linguagens e códigos aplicáveis.

altas habilidades/superdotação, grande facilidade de aprendizagem que os levem a dominar rapidamente os conceitos, os procedimentos e as atitudes, e que, por terem condições de aprofundar e enriquecer esses conteúdos, devem receber desafios suplementares em classe comum, em sala de recursos ou em outros espaços definidos pelos sistemas de ensino, inclusive para concluir em menos tempo, a série ou etapa escolar.

Faz-se necessário esclarecer o conceito sobre as necessidades especiais. Para Carvalho (1998, p. 107):

(...) os alunos com necessidades especiais são os portadores de deficiência (mental, visual, auditiva, física, motora, múltipla), os que apresentam condutas típicas das síndromes neurológicas, psiquiátricas e psicológicas graves e os de altas habilidades, fica outro ponto a ser problematizado. Trata-se dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem sem serem deficientes e que também têm necessidades educativas especiais.

Essa nova concepção acerca de alunos com necessidades educacionais especiais objetiva todo o trabalho em função das potencialidades e possibilidades que o aluno apresenta, deixando de enfatizar apenas a sua deficiência.

Considerando que o presente estudo limita-se à educação de alunos com deficiência mental e paralisia cerebral, sentiu-se a

necessidade de descrever alguns conceitos/definições e classificação dessa população.

2.4.2 Deficiência mental

Dentre as pessoas com necessidades especiais, sabe-se, que, aproximadamente, mais de 750.000 são pessoas que possuem deficiência mental no Brasil. Essa cifra corresponde a 5% do total de pessoas com deficiência no país (SEESP, 1995), o que representa um contingente significativo de pessoas que necessitam ter suas especificidades atendidas.

A Secretaria de Educação Especial (SEESP), do MEC, utiliza a proposta da Associação Americana de Retardo Mental (AAMR) para diagnóstico e caracterização da Deficiência Mental, sendo considerados os seguintes aspectos:

(...) funcionamento intelectual geral significativamente abaixo da média, oriundo do período de desenvolvimento concomitante com limitações associadas a duas ou mais áreas da conduta adaptativa ou da capacidade do indivíduo em responder adequadamente às demandas da sociedade, nos seguintes aspectos: comunicação, cuidados pessoais, habilidades sociais, desempenho na família e comunidade, independência na locomoção, saúde e segurança, desempenho escolar, lazer e trabalho (MEC/SEESP, 1995, p. 18).

De acordo com Pacheco; Valencia (1997, p. 210),

existem algumas correntes para a definição de Deficiência Mental, ou seja, a Deficiência Mental é definida fundamentalmente por quatro correntes: Corrente Psicológica ou Psicométrica, Corrente Sociológica ou Social, Corrente Médica ou Biológica e a Pedagógica.

Além dessas, existem outras correntes mais recentes que podem somar-se às anteriores: Corrente Comportamentalista e Corrente Pedagógica.

Para Pacheco; Valencia (1997), a Corrente Comportamentalista define a Deficiência Mental como um déficit de comportamento que deve ser interpretado como um produto de interação de quatro fatores determinantes: fatores biológicos passados, fatores biológicos atuais, história anterior de interação com o meio e condições ambientais presentes ou outras situações atuais.

Os mesmos autores definem o deficiente mental a partir da Corrente Pedagógica, como sendo o indivíduo que tem uma maior ou menor dificuldade em seguir o processo de aprendizagem e que, por isso, possui necessidades educativas especiais, necessitando de apoios e adaptações curriculares que lhe permitam seguir o processo regular de ensino.

Conforme os estudos de Balone (2001) e Winnick (2004), a classificação da deficiência mental está baseada na intensidade dos apoios necessários:

Intermitente: o apoio se efetua apenas quando necessário. Caracteriza-se por natureza episódica, ou seja, a pessoa nem sempre está precisando de apoio continuamente, mas durante momentos em

determinados ciclos da vida. Os apoios intermitentes podem ser de alta ou baixa intensidade.

Limitado: os apoios são intensivos, caracterizados por alguma duração contínua, por tempo limitado, mas não intermitente. Nesse caso incluem-se deficientes que podem requerer um nível de apoio mais intensivo e limitado, como por exemplo, o treinamento do deficiente para o trabalho por tempo limitado ou apoios transitórios durante o período entre a escola, a instituição e a vida adulta.

Extenso ou Extensivo: trata-se de um apoio, caracterizado pela regularidade, normalmente diária, em pelo menos alguma área de atuação, tais como na vida familiar, social ou profissional. Nesse caso, não existe uma limitação temporal para o apoio que, normalmente, se dá em longo prazo.

Generalizado: é o apoio constante e intenso, necessário em diferentes áreas de atividade da vida. Esses apoios generalizados exigem mais pessoal e maior intromissão que os apoios extensivos ou os de tempo limitado.

A deficiência mental pode se originar durante o desenvolvimento, existindo concomitantemente com outras limitações associadas, de duas ou mais áreas de conduta adaptativa indicadas por: comunicação, vida no lar, desempenho na comunidade, habilidades sociais, saúde, segurança, lazer e trabalho.

2.4.3 Paralisia cerebral

A paralisia cerebral, como afirma Souza; Ferrareto (1997, p. 05): “é o termo usado para designar um grupo de desordens motoras, não progressivas, porém sujeitas a mudanças, resultante de uma lesão no cérebro nos primeiros estágios do seu desenvolvimento.”

Devido às várias causas das lesões: anóxia, infecção, traumatismos, malformações etc., há variabilidade dos tipos clínicos da paralisia cerebral, bem como diferentes prognósticos funcionais.

A classificação de paralisia cerebral deve ser feita por tipo clínico e pela divisão da localização da lesão no corpo. Essa classificação por tipo clínico tenta especificar o tipo de alteração de movimento que a criança apresenta (Souza; Ferrareto, 1997, p. 05). Assim, os tipos definidos atualmente são:

Espástico: é o tipo mais comum de paralisia cerebral, estando a sua incidência em torno de 75%. O tipo espástico mostra uma resistência aumentada no início do arco de movimento e diminui rapidamente (fenômeno do canivete). Como a espasticidade predomina em alguns grupos musculares e não em outros, o aparecimento de deformidades articulares nesse grupo de pacientes é comum, bem como o aparecimento de estrabismos por espasticidade dos músculos oculomotores.

Extrapiramidal: é o segundo tipo de paralisia cerebral mais comum, a lesão situa-se nos núcleos da base, levando ao aparecimento

de movimentos involuntários, que são classificados como: atetóide, coréico e distônico.

Atáxico: é um tipo clínico raro na paralisia cerebral, trata-se da incoordenação de movimentos, de origem cerebelar. É mais comum que esse tipo de paralisia cerebral (PC) venha associado a outro tipo clínico de PC, como o espástico.

Conhecendo-se os diferentes tipos de lesões e limitações e o que cada uma traz às pessoas que a possuem, pode-se tentar montar um programa de atividades físicas que possibilitem desenvolver todos os aspectos (social, motor, cognitivo, afetivo e comunicativo) desses alunos com NEEs, buscando desenvolver as suas potencialidades, bem como a sua interação e inclusão.

3 METODOLOGIA

3.1 Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa caracterizou-se como descritiva, baseada nos estudos de Gil (1999) e Barros; Lehfeld (1986).

Segundo Gil (1999), as pesquisas descritivas têm como objetivo principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.

Barros; Lehfeld (1986, p.44) relatam que a pesquisa descritiva é aquela em que o observador “observa, registra, analisa e correlaciona os fatos ou fenômenos (variáveis sem manipulá-los)”. Nesse tipo de pesquisa não há a interferência do pesquisador, ou seja, ele não manipula o objeto da pesquisa, mas procura descobrir a frequência com que um fenômeno ocorre, sua natureza, características, causas, relações e conexões com outros fenômenos.

3.2 População e amostra

3.2.1 População

Este estudo teve como população: alunos com necessidades educacionais especiais¹, professores de Educação Física e os colegas de turma de Escolas Estaduais do município de Santa Maria/RS.

3.2.2 Seleção da amostra

Partindo dos objetivos propostos para este estudo, buscou-se:

- a) na 8ª Coordenadoria Regional de Educação, a relação das Escolas Estaduais que possuíam alunos com necessidades educacionais especiais, incluídos em suas classes regulares no Ensino Fundamental e Médio. Foram listadas 15 escolas estaduais onde haviam alunos com NEE incluídos em classe regular de ensino.
- b) tendo a relação de escolas onde haviam alunos com NEE incluídos em classe regular, foram selecionadas cinco escolas da zona urbana, por ser de fácil acesso; visando avaliar quais preencheriam ou atenderiam os critérios de seleção da amostra elaborados para o estudo, que foram:

¹ Para este estudo utilizaremos o conceito de necessidades educacionais especiais baseado nos estudos de Carvalho (1998), que conceitua como: “(...) são os portadores de deficiência (mental, visual, auditiva, física, motora, múltipla), os que apresentam condutas típicas das síndromes neurológicas, psiquiátricas e psicológicas graves e os de altas habilidades e os com dificuldades de aprendizagem” (p. 107).

- ter alunos com necessidades educacionais especiais incluídos em classe regular de ensino, que freqüentassem as séries iniciais; por entender que é nas séries iniciais que os alunos estão aprendendo e construindo seus vocabulários, suas formas de comunicação, por meio dos conhecimentos científicos em um ambiente de ensino sistematizado;
- ter a participação de alunos com NEE em aulas de Educação Física;
- as aulas de Educação Física deveriam ser ministradas por um professor dessa mesma disciplina.

A seleção de amostra, para este estudo, classifica-se em amostragem por conveniência e intencional. Conforme Gil (1999), a amostragem por conveniência constitui o menos rigoroso de todos os tipos de amostragens. Por isso mesmo é destituída de qualquer rigor estatístico. O pesquisador seleciona os elementos que tem acesso, admitindo que esses possam, de alguma forma, representar o universo.

Em relação à amostragem ser intencional, o mesmo autor diz que também constitui um tipo de amostragem não probabilística e consiste em selecionar um subgrupo da população que, com base nas informações disponíveis, possa ser considerada representativo de toda a população.

3.2.3 Amostra

A amostra² foi composta por:

a)

- 01 turma com 26 alunos de 2ª série (turma 21) de uma Escola Estadual de Ensino Fundamental de Santa Maria/RS; sendo que nesta turma existiam:

- 01 aluna com necessidades educacionais especiais (paralisia cerebral);
- 25 colegas.

b)

- 01 turma com 27 alunos da 4ª série (turma 41) de uma Escola Estadual de Ensino Fundamental de Santa Maria/RS; sendo que nesta turma existiam:

- 01 aluno com necessidades educacionais especiais (deficiência mental);
- 26 colegas.

c) 01 Professora de Educação Física que ministra aula para as turmas, nas quais estavam incluídos os alunos com necessidades educacionais especiais (paralisia cerebral e deficiência mental).

² Foram escolhidas duas turmas distintas para a observação, pelo fato de ser a mesma professora que ministrava as aulas e as deficiências serem diferentes nas duas turmas. Por esse motivo optou-se por observar essas duas turmas, visando identificar as diferenças e semelhanças na comunicação, existentes em uma aula de Educação Física, tendo deficiências diferentes e um mesmo professor, e seus reflexos no processo de inclusão.

3.3 Estudo piloto

Para testar a clareza dos objetivos propostos, para este estudo, foi feita testagem através de um “estudo piloto”, sendo escolhida uma escola estadual do ensino básico, que tivesse alunos com NEE, incluídos em classe regular de ensino e que participasse das aulas de Educação Física ministradas pelo professor dessa disciplina.

Sendo assim, optou-se por uma Escola Estadual de Ensino Básico de Santa Maria, onde havia um aluno com NEE (deficiência mental) incluído na 4ª série da turma 42, em que o mesmo participava das aulas de Educação Física, desenvolvidas pela professora estagiária dessa mesma disciplina. A turma 42 era composta por 20 alunos, sendo 13 meninos e 7 meninas.

Os objetivos propostos para este estudo foram: analisar as formas comunicacionais de alunos com necessidades educacionais especiais, em aulas de Educação Física na escola; procurando verificar como era a comunicação verbal e não-verbal de alunos com necessidades educacionais especiais em aulas de Educação Física, e como era estabelecida a comunicação nas aulas de Educação Física, entre aluno com necessidades educacionais especiais/colegas de turma e aluno com necessidades educacionais especiais/professor.

Os procedimentos utilizados para a obtenção e análise dos dados do estudo piloto foram divididos em três fases:

1ª Fase: foi observada uma (01) aula de Educação Física da 4ª série de uma Escola Estadual de Ensino Básico, para verificar como

era a comunicação verbal e não-verbal do aluno com necessidades educacionais especiais e como foi estabelecida entre aluno com necessidades educacionais especiais/colegas de turma e aluno com necessidades educacionais especiais/professor, com posterior análise.

2ª Fase: foram filmadas em fita de vídeo duas (02) aulas de Educação Física para verificar como era a comunicação verbal e não-verbal do aluno com NEEs e como era estabelecida esta comunicação entre aluno com NEEs/colegas de turma e aluno com NEEs/professor; com posterior análise.

3ª Fase: para a descrição e análise das aulas criou-se, baseada em Palma (2000), uma ficha de observação, onde foram transcritos os dados. Essa ficha era preenchida após cada aula observada e filmada.

Os critérios utilizados para a mensuração do método observativo das aulas foram transformados em categorias. As categorias formuladas foram as seguintes:

- 1) comunicação entre professor e aluno com NEEs;
- 2) comunicação entre aluno com NEEs e colegas de turma.

Além das duas categorias, foram descritas observações gerais sobre a turma; observações gerais sobre: a aula; o aluno com NEEs e colegas de turma; o aluno com NEEs e o professor.

A partir dos resultados obtidos pelo “estudo piloto”, surgiram algumas modificações para o trabalho monográfico final, pois houve a necessidade de observar o processo de inclusão nas aulas de Educação Física e de verificar a contribuição da comunicação para o processo de inclusão.

A seguir são descritos os procedimentos metodológicos do estudo monográfico.

3.4 Procedimentos metodológicos

Os procedimentos que foram utilizados para a obtenção e análise dos dados deste estudo foram divididos em duas fases.

1ª Fase:

Para verificar as formas de comunicação (verbal e não-verbal) utilizadas pelos alunos com NEE em aulas de Educação Física; e como foi estabelecida a comunicação nas aulas de Educação Física entre aluno com NEE e aluno sem NEE e aluno com NEE e professor, foram filmadas 05 aulas de Educação Física de cada turma, totalizando 10 aulas, ou seja, 05 aulas da 2ª série (turma 21) do Ensino Fundamental e 05 aulas da 4ª série (turma 41) do Ensino Fundamental.

Após a filmagem das aulas de Educação Física na escola, foram transcritos os dados para uma ficha (anexo A), para posterior análise. Essa ficha baseou-se em estudos de Palma (2000) e contemplou os seguintes itens de análise:

- 1) formas de comunicação do aluno com NEE em aulas de Educação Física;

- 2) formas de comunicação entre aluno com NEE e professor de Educação Física;
- 3) formas de comunicação entre aluno com NEE e colegas.

Além dos itens de análise que compuseram a ficha, foram descritas observações gerais sobre:

- a turma;
- as aulas;
- o professor de Educação Física;
- o aluno com NEE;
- os colegas.

2ª Fase:

Para verificar se as aulas de Educação Física contribuíram para o processo de inclusão e se as formas de comunicação do professor de Educação Física e dos alunos sem NEE contribuíram para a inclusão do aluno com NEE nas aulas, foram estabelecidos critérios para a análise destes objetivos, a partir do conceito de inclusão de Jover (1999, p. 10), o qual descreve que:

A prática da inclusão social se baseia em princípios diferentes do convencional: aceitação das diferenças individuais, valorização de cada pessoa, convivência dentro da diversidade humana, aprendizagem por meio de cooperação. A inclusão significa a modificação da sociedade como pré-requisito para a pessoa com

necessidades especiais buscar seu desenvolvimento e exercer sua cidadania. Então é preciso preparar a escola para incluir nela o aluno especial, e não o contrário. Sem esquecer de construir rampas de acesso, toaletes especiais e salas mais espaçosas onde os deficientes se sentam na primeira fila.

Também foi usado, neste estudo, o conceito de inclusão de Ribeiro; Baumel (2003, p. 23) que diz:

(...) em vez de focalizar a deficiência da pessoa, enfatiza o ensino e a escola, bem como as formas e condições de aprendizagem; em vez de procurar, no aluno, a origem de um problema, define-se pelo tipo de resposta educativa e de recursos e apoios que a escola deve proporcionar-lhe para que obtenha sucesso escolar; por fim, em vez de pressupor que o aluno deva ajustar-se a padrões de “normalidade” para aprender, aponta para a escola o desafio de ajustar-se para atender à diversidade de seus alunos.

Partindo-se do conceito de que é a escola que deve estar preparada e/ou apta para incluir o aluno com NEE, desmembrou-se estes conceitos em critérios para análise. Assim teve-se:

1 Escola

1.1 Ambiente Físico: barreiras de acesso e permanência;

1.2 Ambiente Social:

1.2.1 Direção da Escola;

1.2.2 Funcionários;

1.2.3 Professores;

1.2.4 Colegas;

1.2.5 Alunos com necessidades educacionais especiais;

1.2.6 Pais dos colegas de turma;

1.2.7 Pais de alunos com necessidades educacionais especiais.

Destaca-se que, para este estudo, foram considerados somente os critérios:

1 Escola:

1.1 Ambiente Físico (barreiras de acesso e permanência):

1.2 Ambiente Social:

1.2.1 Professor de Educação Física;

1.2.2 Aluno com necessidades educacionais especiais;

1.2.3 Colegas.

Esses critérios compuseram uma ficha para transcrição dos dados e posterior análise (anexo B).

3.5 Instrumentos de coleta de dados

Os instrumentos utilizados para este estudo, foram:

- fita de vídeo com as imagens das aulas. Fita padrão de 8mm, gravadas através de uma filmadora Sony Handycam, modelo CCD/TR517;
- ficha de análise para as aulas, baseada em estudos de Palma (2000) (anexo A);
- ficha de critérios de análise do processo de inclusão em aulas de Educação Física, baseado em Jover (1999) e Ribeiro; Baumel (2003) (anexo B).

3.6 Sistematização dos dados

O processo de sistematização dos dados ocorreu nas seguintes etapas:

1º) observação das aulas com transcrição e classificação dos dados na ficha de análise, e posterior discussão e análise dos dados;

2º) observação das aulas, com transcrição dos dados para a ficha de critérios de análise do processo de inclusão nas aulas de Educação Física, e posterior discussão e análise dos dados;

3º) cruzamento dos dados sobre as formas de comunicação, utilizadas pelos alunos com NEE, alunos sem NEE e professor nas aulas, analisando a contribuição das aulas de Educação Física e das formas de comunicação para o processo de inclusão;

4º) considerações finais.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Para melhor entendimento, a análise dos dados, foi dividida em sub-capítulos: o primeiro aborda a análise das formas de comunicação, estabelecidas nas aulas de Educação Física, que contemplou a análise sobre a turma 21 da 2ª série e sobre a turma 41 da 4ª série; o segundo aborda a comunicação e a contribuição para o processo de inclusão: análise dos critérios estabelecidos para o estudo; e o terceiro aborda as semelhanças e diferenças entre as turmas nas aulas em relação à comunicação e ao processo de inclusão.

4.1 Análise das formas de comunicação estabelecidas nas aulas de Educação Física entre alunos com NEEs, professora e colegas

4.1.1 Turma 21 - 2ª Série

A aluna com NEE, observada nessa turma, possuía paralisia cerebral, não caminhava, apenas locomovia-se através de cadeira de rodas. A aluna era muito risonha, alegre, sempre “vibrava” quando participava das atividades, propostas na aula de Educação Física.

As aulas obedeciam a uma seqüência: iniciava com aquecimento, em que muitas vezes era feito de forma recreativa com

jogos de pega-pega com aros ou pega-pega corrente entre outros. Na parte principal da aula as atividades eram circuitos, utilizando materiais recicláveis, atividades em pequenos grupos trabalhando, por exemplo, a lateralidade. Ao final, eram feitas atividades de “volta à calma”, como a brincadeira do “pim”, ou outras brincadeiras com cantigas (nas quais os alunos ficavam em círculo fazendo o que a música mandava).

Cabe destacar que uma atividade que estimulava a comunicação e a interação entre a aluna com NEE, colegas sem NEE e professor, era a brincadeira: “a minha direita está vaga quero que sente aqui o fulaninho”, e “siga o mestre”.

A partir das observações feitas, foi possível perceber também um relacionamento satisfatório dos colegas com a aluna com NEE.

A turma se relacionava de forma satisfatória com a colega com NEE, mas as meninas mantinham um contato maior com ela. Quando ela participava de alguma atividade, havia algum “tumulto” por parte das meninas para ver quem empurraria a cadeira de rodas.

Outro fator que também se destacou foi a pouca participação da aluna com NEE nas aulas de Educação Física. Sua participação era restrita às atividades de roda e atividades menos dinâmicas; sendo que nas demais ela ficava apenas observando os seus colegas e vibrando por eles. Infere-se que a pouca participação da aluna com NEE nas aulas de Educação Física foi pelo tipo de atividades desenvolvidas nas aulas, não serem adaptadas, bem como, a dificuldade da professora em

levar atividades em que todos os alunos pudessem participar, principalmente a aluna com NEE.

Em relação a sua comunicação, notou-se que ela utilizava as duas formas de comunicação, verbal (fala) e não-verbal (gestos, olhares, sorrisos, movimentos corporais, palmas).

A professora comunicava-se com a aluna com NEE apenas quando ela participava das atividades ou para dizer-lhe que ela deveria ficar “fora” da atividade naquele momento (Ex.: “agora Aninha³ tu fica só olhando, na próxima atividade tu participa”), utilizando-se da comunicação verbal (fala) para se comunicar com a aluna.

Nesse caso, percebeu-se que a comunicação foi prejudicada, pois houve pouca interação entre a professora e a aluna com NEE. Poucas foram as oportunidades de trocas entre o ambiente (aula), professora e aluna com NEE, o que dificultou o surgimento das formas de comunicação entre elas, pois segundo Berlo (1999), a meta da comunicação humana é a interação.

Entende-se que a comunicação é de extrema importância nas aulas, pois para que haja êxito nas mesmas é necessária uma efetiva comunicação entre alunos e professor, principalmente tratando-se de alunos com NEE que apresentam algumas dificuldades em se comunicar.

Nesse caso observado, a comunicação ficou em segundo plano (por parte da professora), isto é, a professora não utilizou todas as formas de comunicação existentes para tentar comunicar-se com a

³ Nome fictício

aluna com NEE. Foi mais fácil e prático, ou quem sabe por falta de conhecimento das possibilidades da aluna e da sua própria, deixar a aluna fora das atividades do que interagir e desenvolver atividades, nas quais ela pudesse participar. Sendo assim, a pouca comunicação entre professora e aluno com NEE, nas aulas, acabou dificultando o andamento delas, bem como um de seus principais objetivos, qual seja, a interação humana.

4.1.2 Turma 41 - 4ª Série

O aluno com NEE, observado nessa turma, possuía deficiência mental. Era um aluno quieto, risonho, em alguns momentos “brincalhão” e participativo.

As aulas obedeciam a uma seqüência: iniciava com um aquecimento, onde muitas vezes eram desenvolvidas atividades recreativas, pega-pega em corrente, pega-pega com o aro, entre outras atividades, realizadas em pequenos grupos. Na parte principal da aula, a professora desenvolvia atividades relacionadas com o objetivo proposto, por exemplo, atividades de lateralidade, nas quais os alunos teriam que obedecer ao comando da professora. Ao final da aula a professora realizava algumas atividades de “volta à calma”, sendo que os alunos ficavam em roda, sentados no chão, realizando algumas atividades, entre elas: a brincadeira do “pim”, “mestre manda” e a “brincadeira da direita ou esquerda está vaga”.

Ainda em relação às aulas, destaca-se que uma atividade que estimulava a comunicação e interação do aluno com NEE com os demais colegas e a professora era a atividade do “pim”, pois nessa atividade os alunos, de um modo geral, comunicavam-se através de olhares, de gestos feitos com as mãos, com o corpo, estavam sempre muito atentos.

Durante as observações realizadas com esta turma, o que mais chamou a atenção foi o relacionamento dos alunos sem NEE com o aluno com NEE; toda a turma se relacionava de forma satisfatória com ele. A turma acolheu muito bem o aluno com NEE, foi possível observar que não existia o preconceito, o desrespeito com as diferenças, todos interagiam muito bem, respeitando suas limitações. Pode-se inferir que esse comportamento da turma deve-se ao fato de já estarem na 4ª série, sendo que, provavelmente, em séries anteriores já haviam tido contato com outros colegas com necessidades educacionais especiais, o que veio facilitar a interação e as relações de amizade e companheirismo.

Também, notou-se que o aluno com NEE participava de todas as atividades propostas pela professora. Em algumas atividades mais complexas, ele contava com a ajuda dos colegas ou algumas vezes do auxílio da professora.

Quando as atividades propostas eram em grupos ou em duplas o aluno com NEE sempre tinha o seu grupo ou a sua dupla para realizar o que era proposto.

Em relação a sua comunicação foi possível observar que ele utilizava com frequência a comunicação verbal, mas em alguns momentos utilizava também a comunicação não-verbal (contato corporal, olhar, gestos e movimentos posturais). A comunicação verbal utilizada pelo aluno com NEE era facilmente compreendida pelos colegas e professora.

O aluno com NEE comunicava-se pouco com a professora e quando isso acontecia utilizava a comunicação verbal (fala). A comunicação entre o aluno com NEE e a professora se deu, principalmente, durante as explicações das atividades e algumas vezes durante o desenvolvimento das mesmas; em que a professora incentivava-o, colocando a mão sobre seu ombro, como também utilizando palavras de incentivo.

A comunicação da professora com o aluno com NEE se deu da mesma forma que com os demais alunos, ela não utilizou nenhuma forma “especial” de comunicação para falar e/ou comunicar-se com ele; pois ele compreendia perfeitamente as explicações da professora. Algumas vezes, quando ele não entendia as explicações, a professora repetia ou os colegas lhe explicavam novamente.

Os colegas e o aluno com NEE utilizavam as duas formas de comunicação (verbal e não verbal) nas aulas de Educação Física, mas durante as explicações das atividades, a comunicação utilizada entre os alunos e o colega com NEE era a comunicação não-verbal (empurrões, gestos, toques). Pode-se dizer que a comunicação não-verbal, nesse momento, servia para que os alunos mantivessem um contato, um relacionamento, uma forma de comunicação diferenciada

e entendida por alunos/crianças dessa idade, ao mesmo tempo em que a professora estava explicando a atividade, sem que isso atrapalhasse as explicações.

Pôde-se perceber que o tipo de comunicação utilizado pelos alunos dependia da atividade proposta, assim como, do posicionamento deles na quadra, do posicionamento da professora, ou seja, esses eram os fatores que auxiliavam na comunicação dos alunos com o colega com NEE, durante as atividades propostas. No início das aulas, a professora formava um círculo, com todos os alunos sentados no chão, e explicava o que seria trabalhado na aula e como seria a primeira atividade. Nesse momento, os alunos interagiam, mantinham contato corporal, conversavam e trocavam “sussurros”, principalmente com os colegas do lado, pois os alunos estavam dispostos em círculo. Geralmente, as atividades que mais facilitavam a comunicação dos alunos eram as atividades onde eles ficavam em colunas (estafeta), atividades em círculo (brincadeira do “pim”) ou atividades de pega-pega.

Portanto, esses fatores foram positivos para a efetivação da comunicação, pois quanto mais atividades dinâmicas, diferenciadas, desafiadoras eram propostas para a turma, mais formas de comunicação eram empregadas pelos alunos, mais elementos facilitadores da comunicação surgiam, auxiliando assim a comunicação entre aluno com NEE, colegas e professora.

Nesse caso, a interação entre colegas e aluno com NEE foi o ponto-chave para o surgimento das formas de comunicação, com isso,

a comunicação tornou-se mais forte e solidificou-se, a partir das trocas entre os colegas da turma.

4.2 A comunicação e a contribuição para o processo de inclusão: análise dos critérios estabelecidos para o estudo

Em relação às barreiras de acesso físico da escola, para a aluna com NEE da turma 21 da 2ª série, foram pontos negativos para o processo de inclusão, pois os principais acessos da escola dificultavam sua passagem com a cadeira de rodas. Com o aluno da 4ª série isso não foi relevante para o processo de sua inclusão, pois sua deficiência (deficiência mental) não lhe impedia de locomover-se nos obstáculos encontrados na escola (degraus, escadas, lajotas irregulares).

A entrada principal da escola era com escadarias, o acesso à sala de aula com degraus e uma pequena rampa lateral adaptada (de madeira); o acesso ao pátio, onde eram realizados o recreio e as aulas de Educação Física, também era através de degraus. Assim, os principais caminhos percorridos pela aluna com NEE, na escola, tornaram-se obstáculos, muitas vezes intransponíveis, pois a aluna sempre necessitava da ajuda de colegas, professores ou da mãe⁴ para conseguir transpor esses obstáculos.

⁴ A mãe da aluna com NEE sempre a acompanhava durante todos os períodos de aula, inclusive na aula de educação física.

As aulas de Educação Física eram realizadas no pátio principal da escola. Para chegar até ele, a aluna com NEE precisava passar por degraus e por pisos irregulares, o que dificultava seu acesso, precisando de ajuda para chegar até o local da aula. Além de ter que passar por vários obstáculos até conseguir chegar à aula de Educação Física, a aluna com NEE muitas vezes participava apenas de uma atividade, ficando a observar as demais. A não participação da aluna, na maioria das atividades, deu-se sempre a pedido da professora, principalmente em atividades em que era difícil sua participação (atividades de pular, correr, rolinho, etc.).

Pôde-se perceber que os acessos até o pátio, onde foram realizadas as aulas de Educação Física para o aluno com NEE, não foram obstáculos para ele.

As barreiras de acesso e a participação nas aulas de Educação Física da aluna com NEE (paralisia cerebral), da 2ª série, que utilizava cadeira de rodas, foram fatores que dificultaram o processo de inclusão. No caso do aluno da 4ª série (aluno com deficiência mental, sem comprometimento motor), percebeu-se que estas barreiras de acesso, não foram fatores negativos para sua participação nas aulas.

O comportamento da professora de Educação Física frente à aluna com NEE (2ª série) não foi favorável ao processo de inclusão, pois a professora, por inexperiência em tratar com alunos com este tipo de deficiência, inconscientemente, não conseguia incluir a aluna com NEE em suas aulas, de uma maneira em que ela pudesse participar de todas as atividades, facilitando assim sua interação com os colegas e com a professora. Pôde-se perceber que o tipo de

deficiência encontrada nessa turma (paralisia cerebral) dificultou muito as relações entre professora e aluna com NEE e algumas vezes, colegas e aluna com NEE.

Apesar da professora já ter tido convivência com alunos com NEE em várias turmas, anteriormente, e ter atuado com essas duas turmas que apresentavam alunos incluídos em classe regular de ensino, mesmo assim foi possível perceber sua inexperiência em desenvolver suas aulas de Educação Física para alunos com NEE, em que esses pudessem participar de todas as atividades propostas. Foi notória a dificuldade da professora em levar para suas aulas atividades nas quais os alunos com NEE pudessem participar plenamente, sem ficar excluídos de alguma atividade, em que devido ao seu comprometimento não pudessem realizá-la.

Entretanto, com a turma da 4^a série, o comportamento da professora em relação ao aluno com NEE foi diferenciado, pois o aluno participava de toda a aula proposta pela professora, interagia com os colegas e com a professora. Isso se devia ao fato do tipo de deficiência, com a qual a professora se deparou, não ser “obstáculo” para a elaboração da aula e participação do aluno com NEE em todas as atividades. Também foi possível observar que o aluno com NEE (4^a série) não possuía comprometimento motor, o que não o impedia de participar de todas as atividades oferecidas para os demais colegas da turma.

Sendo a professora de Educação Física a mesma para as duas turmas, percebeu-se comportamentos distintos em sua atuação frente a

elas e, principalmente, em relação às deficiências encontradas (deficiência mental e paralisia cerebral).

Percebeu-se que com a turma 21, onde estava a aluna com paralisia cerebral, a professora teve maiores dificuldades em desenvolver atividades para que a aluna pudesse participar e interagir com os colegas e com ela, o que acabou dificultando a sua interação e comunicação com a aluna, tornando-se ponto negativo para o processo de inclusão. Essa dificuldade, encontrada pela professora, ocorreu pelo fato da deficiência (paralisia cerebral) ser visível e aparentemente mais desafiadora, pois a aparência física da aluna chamava muito a atenção de todos.

Com a turma 41, onde estava o aluno com deficiência mental, a professora não apresentou dificuldades em desenvolver suas aulas. O aluno com NEE pôde participar de todas as atividades propostas, interagiu de forma positiva com todos, além de receber incentivos da professora durante as atividades, o que se tornou ponto positivo para o processo de inclusão.

Encontrou-se como ponto culminante do processo de inclusão dos alunos com NEE das turmas, o bom relacionamento, a interação, o companheirismo dos colegas. Os colegas de turma foram os principais personagens para que o processo de inclusão dos alunos com NEE tivesse êxito, tornando-se elementos positivos para a construção da inclusão nas turmas 21 e 41 da escola.

Cabe destacar aqui, alguns aspectos que surgiram durante as observações nas duas turmas, onde foi possível identificar o

“preconceito” da professora em relação aos alunos com NEEs, a falta de preparação profissional, o medo de lidar com o desconhecido, entre outros, percebendo-se, dessa forma, o quanto esses elementos ainda estão presentes na sociedade.

A partir do comportamento da professora frente aos dois tipos de deficiências encontradas, percebeu-se a existência do preconceito (não explícito). A professora comportava-se de forma diferente em relação ao aluno com deficiência mental, pois visualmente não denotava nenhum problema ou dificuldade em realizar as atividades. Já em relação à aluna com paralisia cerebral (visualmente denota comprometimento e dificuldades em realizar as atividades) ela comportava-se de forma preconceituosa (não explícita), não facilitando a inclusão da aluna com NEE, deixando-a de fora da maioria das atividades propostas na aula, reforçando ainda mais a sua deficiência.

Percebeu-se, porém, que esse comportamento não era proposital, sendo fruto do despreparo profissional em lidar com pessoas com necessidades educacionais especiais, do medo em lidar com o desconhecido, e/ou de machucar o aluno com determinadas atividades, e vários outros fatores que levaram a este comportamento.

Com isso, pode-se inferir que a comunicação é extremamente importante para o processo de inclusão porque só através dela é que professores e alunos conseguem interagir, fazer trocas, relacionar-se e, acima de tudo, conseguem mudar todo o processo de desenvolvimento das aulas, como também o processo de inclusão.

Também se pode dizer que, a comunicação é necessária para o processo de inclusão, pois é somente através dela que os alunos com e sem NEE conseguem relacionar-se, interagem de diversas formas, tornando-se parte efetiva da aula e do processo de ensino e aprendizagem.

Sendo a comunicação necessária e importante para o processo de inclusão, ela também contribui para que este ocorra nas aulas, através de um bom planejamento das atividades, de elaboração de estratégias que consigam alcançar os objetivos propostos para a aula, a criação de adaptações necessárias à participação dos alunos com NEE, propiciando a interação de alunos e professor, por meio das trocas de experiências, que se dão através e unicamente pela comunicação.

Portanto, é necessário que o professor, durante o desenvolvimento de suas aulas, utilize várias formas de comunicação, para que os alunos com NEE consigam entendê-lo, realizando de forma prazerosa o que está sendo solicitado, auxiliando em sua efetiva participação nas aulas, bem como no bom relacionamento com colegas e professor.

4.3 Semelhanças e diferenças entre as turmas nas aulas em relação à comunicação e o processo de inclusão

4.3.1 Semelhanças

Foram observadas poucas semelhanças, mesmo sendo em aulas de Educação Física e com a mesma professora.

As aulas eram muito parecidas, sua estrutura, as atividades propostas, o posicionamento dos alunos no espaço físico para as aulas e da professora em quadra.

Apesar das turmas apresentarem alunos com necessidades especiais diferenciadas e colegas também com idades diferentes, diferenças encontradas também no que se refere a conhecimentos e experiências motoras, mesmo assim eram desenvolvidas aulas muito parecidas, tornando-se, algumas atividades, em alguns momentos, pouco atrativas para os alunos. Também se pôde perceber o mesmo posicionamento nas aulas, tanto da professora quanto dos alunos, o que dificultava sua comunicação e interação com os alunos, principalmente com os alunos com NEEs.

Ainda, em relação às aulas, observou-se, nas duas turmas, que a professora trabalhava em pequenos grupos, às vezes dividia a turma em dois grandes grupos, meninos e meninas. Essas estratégias utilizadas pela professora, algumas vezes, prejudicavam as interações entre os colegas de turma e os alunos com NEE, muitas vezes dividindo os alunos em meninos e meninas, aguçando a competitividade.

A professora propiciou aos alunos, durante suas aulas, a construção de valores e atitudes como, por exemplo, o companheirismo, respeito e amizade, demonstrados pelos alunos das duas turmas.

Em relação aos colegas de turma, o que chamou a atenção foi o companheirismo, a amizade dos colegas com os alunos com NEE. Pôde-se perceber que quem melhor propiciou a inclusão dos alunos com NEE foram as turmas, pois receberam muito bem os alunos com NEE, respeitando-os, auxiliando-os quando precisavam de ajuda e estimulando-os durante as atividades de Educação Física.

Após essas observações, foi possível verificar e confirmar que as crianças não possuem preconceito em relação ao desconhecido, ao diferente, em relação aos alunos com NEE. As crianças, ou seja, os colegas de turma, relacionavam-se muito bem, normalmente com os alunos com NEE, eles sabiam respeitar as diferenças e as individualidades de cada um, auxiliando-os, interagindo e comunicando-se.

As formas de comunicação utilizadas pelas duas turmas foram a comunicação verbal (fala) e a comunicação não-verbal (gestos, olhares, gritos, movimentos corporais, etc).

Pôde-se perceber que as diferentes formas de comunicação, encontradas nas duas turmas, nasceram a partir das diferentes vivências dos alunos, onde cada um trouxe de sua história de vida uma “letrinha”, um gesto, um som, uma fala, um olhar e, juntos,

conseguiram comunicar-se e expressar-se de uma maneira pela qual todos entendessem o seu significado.

4.3.2 Diferenças

De acordo com as observações, notou-se que o aluno com NEE da turma 41 participava muito mais das aulas de Educação Física, do que a aluna com NEE da turma 21, pois geralmente as atividades propostas na turma 21 não permitiam ela participasse, levando a professora a solicitar que a aluna ficasse observando os colegas. Já o aluno da turma 41 participava de todas as atividades propostas, pois as mesmas permitiam sua participação, uma vez que ele não apresentava comprometimento motor.

Essa exclusão, por parte da professora, acontecia sem que ela percebesse, mas era possível notar a reação da aluna quando saía da brincadeira e ficava apenas observando, suas expressões mudavam e o “sorriso ficava escondido”.

A professora frente ao aluno com NEE da turma 41 comportava-se normalmente como com os demais alunos, pois o tipo de deficiência do aluno não chamava a atenção, nem mesmo notava-se que ele era uma pessoa com NEE. O tipo de deficiência apresentada pelo aluno foi fator importante para o processo de inclusão do mesmo, principalmente em relação à professora.

Observou-se que a interação do aluno com NEE da turma 41 foi mais efetiva do que a da aluna da turma 21, principalmente quando relacionada com a professora. O aluno da turma 41 interagiu muito mais com sua turma e com a professora, o que foi ponto culminante para o processo de comunicação entre colegas e aluno com NEE, e aluno com NEE e professora, pois muito mais oportunidades de comunicação apresentou-se.

Portanto, pôde-se perceber que a participação efetiva do aluno com NEE (deficiência mental) nas aulas de Educação Física foram pontos positivos para a inclusão escolar e social, bem como para a aquisição de formas de comunicação.

Já a aluna da turma 21 pouco interagiu com os colegas e, principalmente, com a professora, pois raríssimas vezes participava das atividades, poucas oportunidades de comunicação, poucas formas de expressão.

Percebeu-se que a principal diferença entre as duas turmas e a professora foi o seu comportamento diferenciado frente à aluna com paralisia cerebral da 2ª série. Na 4ª série a aula fluía bem, todos participavam das atividades normalmente, como se não “tivesse nenhum aluno com NEE” na turma. Já na 2ª série isso não ocorria, pois a professora parava as atividades em que ela julgava que a aluna com NEE não poderia ou não conseguiria participar e lhe pedia para ficar olhando os colegas participando da aula.

A não inclusão da aluna com NEE da 2ª série, por parte da professora, não era intencional, notava-se que ela esforçava-se para

incluí-la na aula, porém não conseguia levar para suas aulas, atividades adaptadas para que ela pudesse participar.

Em relação à preparação do professor, pode-se dizer que ela vai além da sala de aula ou da quadra, onde são realizadas as aulas de Educação Física, pois é preciso que o professor conheça seus alunos, principalmente os alunos com NEE, conheça seus diagnósticos e histórico de suas enfermidades, se tomam medicamentos ou não, quais atividades eles podem ou não realizar, enfim, é necessário que se conheça cada peculiaridade dos alunos, pois só assim, o professor conseguirá desenvolver aulas em que todos poderão participar, desenvolvendo os seus aspectos, motor, cognitivo, afetivo, social e comunicativo.

5 SUGESTÕES DE TRABALHO EM EDUCAÇÃO FÍSICA PARA ALUNOS COM NEEs INCLUÍDOS

- 1) Fazer em primeiro lugar um diagnóstico da turma, ou seja, um reconhecimento dos alunos, das necessidades educacionais especiais que cada um apresenta e suas possibilidades motoras, cognitivas, comunicativas, afetivas etc., através de atividades recreativas e estimulantes.
- 2) Desenvolver atividades cooperativas, nas quais todos os alunos participem, estimulando e desenvolvendo a cooperação, o companheirismo e amizade.
- 3) As atividades propostas para a turma podem e devem ser adaptadas aos alunos com NEEs, para que estes consigam realizá-las de forma prazerosa.
- 4) No decorrer da aula, as atividades mais complexas poderão ser desenvolvidas pelos alunos com NEEs, com o auxílio do professor, bem como de seus colegas.
- 5) É preciso que o professor de Educação Física utilize muita criatividade, adaptações e estratégias em suas aulas para que todos os alunos consigam realizar as atividades propostas de acordo com o que for solicitado pelo professor.
- 6) Para que as aulas de Educação Física se tornem criativas, prazerosas e estimulantes aos alunos, sejam eles com NEEs ou não, é preciso que o professor busque conhecimentos específicos

na literatura, em cursos de reciclagem, palestras e outros meios, que proporcionem ao professor estar preparado e apto para desenvolver atividades, também para os alunos com NEEs, incluídos em ensino regular. Também cabe ressaltar que é obrigação do governo e do sistema educacional, dar condições para que os professores possam buscar esses conhecimentos específicos, essa reciclagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das observações feitas das aulas, percebeu-se a grande relevância e importância da comunicação nas aulas de Educação Física, principalmente quando se trata da inclusão de alunos com NEEs. Também não se pode deixar de ressaltar a importância da comunicação para a professora e os colegas de turma, por constituírem elementos importantes no processo de comunicação do estudo relatado.

Evidenciou-se nas aulas, que os alunos com NEEs se utilizavam das duas formas de comunicação, quais sejam a comunicação verbal e não-verbal.

Percebeu-se que a aluna da 2ª série que possuía paralisia cerebral (cadeirante), participava pouco das aulas, o que dificultou muito sua comunicação com colegas e professora, limitando suas formas de comunicação. A pouca participação da aluna com NEEs deu-se pelo fato da professora solicitar, na maioria das vezes, que a aluna ficasse apenas olhando os colegas na atividade, principalmente quando as atividades eram de correr, pular ou fazer rolinho no colchonete.

Quando a aluna da 2ª série conseguia participar de alguma atividade proposta em aula, era possível perceber que ela conseguia se comunicar tanto pela comunicação verbal (fala), quanto pela

comunicação não-verbal (palmas, gestos, sorrisos). Porém, era possível vê-la participando das atividades da aula, quando estas eram calmas, por exemplo, no início das aulas, quando a professora posicionava os alunos em círculo para explicar a primeira atividade e em outras atividades em círculo, realizadas no decorrer da aula.

Durante a sua participação nas aulas (quando participava), foi possível perceber que a aluna com NEEs se relacionava de forma satisfatória com todos os colegas e com a professora, mas mantinha um melhor relacionamento, interagia mais com as meninas.

Também foi possível perceber que a pouca participação da aluna com NEEs nas aulas de Educação Física prejudicou sua comunicação com os colegas, bem como com a professora, tornando-se um fator negativo para o processo de inclusão. Poucas foram as oportunidades de trocas, de interação entre a aluna com NEEs e a professora e entre a aluna com NEEs e os colegas, com isso, poucas foram as formas de comunicação surgidas entre a aluna com NEEs, professora e colegas.

Em relação ao aluno com NEEs (deficiência mental) da 4ª série, observou-se que ele se utilizava também das duas formas de comunicação (comunicação verbal e não-verbal), mas utilizou com mais frequência a comunicação verbal (fala).

De acordo com as observações, notou-se que o aluno com NEEs comunicava-se pouco com a professora, sendo que essa comunicação entre professora e aluno se deu principalmente durante as explicações

das atividades e, algumas vezes, durante o desenvolvimento das mesmas.

Cabe salientar que os colegas de turma dos alunos com NEEs, foram “peças” importantes para o processo de inclusão, principalmente no caso do aluno com NEE da 4ª série. A interação existente entre os colegas e ele foi fundamental para que se efetivasse o processo de inclusão desse aluno. Pois todos os colegas se relacionavam de forma satisfatória com ele, auxiliavam-no quando era necessário e nas atividades em grupos ou em duplas ele sempre tinha seu em particular.

Pôde-se perceber que nessa turma, todos os colegas tratavam o aluno com NEE da mesma maneira que os demais colegas, sendo que não existia preconceito por ele ser “diferente” e/ou por ele possuir algumas limitações. Sendo que o mesmo se repetia com a outra turma onde se encontrava a aluna com paralisia cerebral.

Em relação à professora, pode-se dizer que interagiu com o aluno com NEE da mesma forma que com os demais alunos; não utilizava nenhuma estratégia diferenciada para lhe explicar as atividades, pois ele sempre entendia as explicações dadas e quando não entendia, os colegas e a professora explicavam novamente.

No caso da aluna da 2ª série, a interação existente era por parte dos colegas e da aluna com NEE; isso quando ela participava da aula de Educação Física, isto é, quando a professora levava para as aulas atividades em que ela pudesse participar.

No entanto, isso nem sempre acontecia e a aluna com NEE apenas participava das atividades de círculo (no início da aula), durante as explicações das atividades e no final da aula (volta à calma). O restante da aula ela ficava apenas observando os colegas, o que comprometeu muito a interação com colegas e professora, bem como, o processo de inclusão, pois poucas foram as oportunidades de trocas, de relacionamento e de comunicação entre colegas e professora.

Pode-se dizer que um dos principais objetivos da comunicação (entre professor e aluno), a interação humana, nessa turma não foi alcançado, tornando-se ponto negativo e ineficaz para o processo comunicacional, bem como para a inclusão da aluna com NEE.

Percebeu-se, também, que a falta de preparação da professora em tratar com alunos com NEE não era culpa apenas dela, mas sim de todo o sistema educacional brasileiro, que cria leis, porém, na prática, é completamente diferente, tornando-se um problema para a escola, para os professores, para os pais e, principalmente, para os alunos que se sentem excluídos das aulas. Entretanto, é preciso que os professores não fiquem esperando de “braços cruzados” uma receita pronta de como trabalhar com alunos com necessidades educacionais especiais, pois isso não existe, e espera-se que nunca exista, uma vez que é muito difícil trabalhar com vários alunos com diferentes necessidades e peculiaridades, sem desenvolver alternativas adaptadas a todas as possíveis situações que poderão surgir no decorrer de uma aula de Educação Física.

Conhecendo-se a importância e relevância da Educação Física, ou seja, de atividades físicas que visam desenvolver os aspectos motor, cognitivo, afetivo, social e comunicativo das pessoas, pode-se dizer que essa disciplina, enquanto elemento (meio) comunicativo, foi extremamente importante e fundamental na contribuição para o processo de inclusão dos alunos com NEEs, observados neste estudo.

É através do corpo e de todas as possibilidades de movimento que ele traz ou possui, que as pessoas conseguem expressar-se, interagir com outras pessoas e, ao mesmo tempo, comunicar-se. Sendo assim, pode-se dizer que, por meio da Educação Física e da prática de atividades físicas, alunos com NEEs e colegas de turma conseguem trocar experiências, interagir, comunicar-se de forma verbal e não-verbal, tornando-se “peças” essenciais do processo de inclusão desses alunos com NEEs.

No processo de inclusão, todas as “peças”, alunos com NEEs, colegas de turma e professor, são fundamentais para que se possa “montar”, de forma eficaz e efetiva, o processo de inclusão.

Sendo a comunicação uma necessidade do ser humano, ela é sim importante para o processo de inclusão, ela é sim necessária para o processo de inclusão e ela contribui sim para o processo de inclusão.

Entendendo, então, o quanto a comunicação é importante e necessária na sua contribuição para o processo de inclusão tem-se que:

- é importante para o processo de inclusão, pois é só através da comunicação que as pessoas interagem, relacionam-se, trocam experiências, modificam o meio e se modificam também;

- é necessária, pois não existe ninguém que não a utilize para expressar-se, para dizer algo a alguém, fazer trocas, relacionar-se;

- sendo fundamental, necessária e importante, ela contribui sim para o processo de inclusão, pois é através de todos esses fatores que a inclusão se efetiva. Somente através da comunicação é que as pessoas se relacionam, interagem, modificam o meio em que vivem e ao mesmo tempo se modificam, constroem novos pensamentos, novas idéias, ensinam e aprendem.

Entretanto, só será efetivado o processo de inclusão de alunos com NEEs, a partir da comunicação eficaz dos colegas de turma, da professora e de toda a comunidade escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALLONE, G. J. **Deficiência mental**. 2001. Disponível em: <<http://www.psiqweb.psiquiatriageral.com.br>>. Acesso em 2004.

BARROS, A.J.P. de; LEHFELD, N.A. de S. **Fundamentos de metodologia**: um guia para a iniciação científica. São Paulo: McGraw-Hil, 1986.

BERLO, D.K. **O processo da comunicação**: introdução à teoria e à prática. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BORDENAVE, J.E.D. **O que é comunicação?** São Paulo: Nova Cultura Brasiliense, 1986.

BRASIL. Ministério da Educação e Desportos. Secretaria da Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília: MEC/SEE, 1995.

_____. Presidência da República. **Lei n. 9.394**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 20 dez. 1996.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Educação Física. Secretaria de Educação Fundamental. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

CARVALHO, R.E. **A Nova LDB e a Educação Especial**. 2. ed. Rio de Janeiro: WVA, 1998.

DUARTE, E.; WERNER, T. **Conhecendo um pouco mais sobre as deficiências em curso de atividades físicas e desportivas para pessoas portadoras de deficiência**: Educação à distância. Rio de Janeiro: ABT/ Universidade Gama Filho, 1995.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA - FIEP. **Manifesto Mundial de Educação Física**. 2000. Foz do Iguaçu/PR, Brasil, jan. 2000.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

JOVER, A. Inclusão: qualidade para todos. **Revista Nova Escola**, v. 15, n. 123, 1999, p. 8-17.

MESQUITA, R. M. Comunicação não-verbal: relevância na atuação profissional. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 11, n. 2, jul/dez. Universidade de São Paulo, 1997.

MORAN, J. M. **Mudanças na comunicação pessoal: gerenciamento integrado da comunicação pessoal, social e tecnológica**. São Paulo: Paulinas, 1998.

OLIVEIRA, F.F. Dialogando sobre a Educação, Educação Física e Inclusão Escolar. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 8, n. 51, ago. 2002, p. 5.

PACHECO, D.B.; VALÊNCIA, R.P. A deficiência mental. In: BAUTISTA, Rafael (coord.). **Necessidades Educativas Especiais**. Lisboa: Dinalivro, 1997.

PALMA, L.E. **A comunicação nas aulas de Educação Física: um estudo com Portadores de Deficiência**. Santa Maria/RS. Dissertação de Mestrado - UFSM/2000.

_____. **Comunicação: fundamento para a mediação pedagógica em Educação Física para alunos com necessidades educacionais especiais**. Santa Maria/RS. Tese de Doutorado, UFSM/2004.

PENTEADO, J.R.W. **A técnica da comunicação humana**. 8. ed. São Paulo: Pioneira, 1982.

RECTOR, M.; TRINTA, A.R. **Comunicação do corpo**. São Paulo: Ática, 1990.

RIBEIRO, M.L.S.; BAUMEL, R.C.R. de C. **Educação Especial: do querer ao fazer**. São Paulo: Avercamp, 2003.

SASSAKI, R.K. **Construindo uma sociedade para todos**. 3. ed. Rio de Janeiro: WVA, 1999.

SOUZA, A.M.C. de; FERRARETO, I. **Como tratamos a paralisia cerebral** - reabilitação/AACD/ABPC. São Paulo. Escritório, 1997.

WINNICK, J.P. **Educação Física e esportes adaptados**. 3. ed. São Paulo: Manole, 2004.

ANEXOS

ANEXO A - Ficha de análise das aulas

Ficha de análise das aulas - baseada em Palma (2000)

Escola:

Série:

Turma:

Dia:

Horário:

Observações gerais sobre a turma

Observações gerais sobre as aulas

Observações gerais sobre o professor de Educação Física

Observações gerais sobre o aluno com NEE

Observações gerais sobre os colegas de turma

1) Formas de comunicação do aluno com NEE em aulas de Educação Física:

2) Formas de comunicação entre aluno com NEE e professor de Educação Física:

3) Formas de comunicação entre aluno com NEE e colegas de turma:

**ANEXO B - Ficha de critérios de análise do processo de inclusão
em aulas de Educação Física**

Ficha de critérios de análise do processo de inclusão em aulas de Educação Física - baseada em Jover (1999) e Ribeiro; Baumel (2003)

SÉRIE:

TURMA:

1)Escola:

1.1 Físico:

1.2 Social:

1.2.1 Professor de Educação Física

1.2.2 Aluno com necessidades educacionais especiais

1.2.3 Colegas de turma